

O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a Análise do Discurso

The material character of meaning and the social classes: a question for Discourse Analysis

El carácter material del sentido y las clases sociales: una cuestión para el Análisis del Discurso

Helson Flávio da Silva Sobrinho*
Universidade Federal de Alagoas
Bolsista Produtividade do CNPq

Resumo

Buscamos, neste artigo, situar o/a leitor/a sobre a importância da compreensão do *caráter material do sentido* e das *classes sociais* na Análise do Discurso (AD), na perspectiva de Michel Pêcheux. Esse gesto de leitura poderá lançar luzes sobre o entendimento do caráter dialético da produção de sentidos e da constituição de sujeitos na processualidade histórica atual. Nessa direção, faz-se necessário salientar que a premissa teórica e metodológica do debate que será aqui desenvolvido destaca que o discurso é um objeto historicamente determinado, e sua complexidade revela as determinações das lutas de classes de uma formação social (no caso atual, trata-se da formação social capitalista, constituída pelo antagonismo entre capital e trabalho). Nosso trajeto de estudo assinala o necessário resgate de uma referência à História na perspectiva do materialismo histórico e dialético, na tentativa de evitar que a teoria materialista da produção de sentidos se esvazie da crítica à sociedade capitalista.

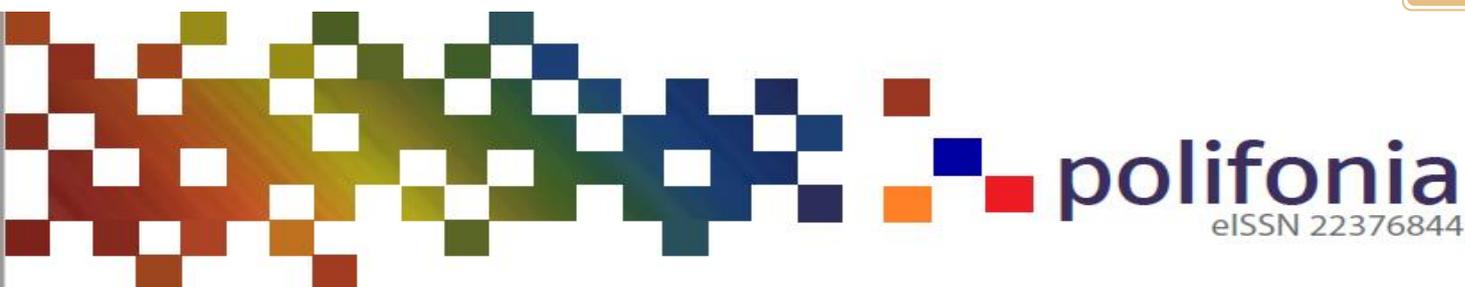
Palavras-chave: Discurso, Caráter material do sentido, Classes Sociais.

Abstract

In this article, we seek to situate the reader about the importance of understanding the *material character of the sense* and the *social classes* in Discourse Analysis (AD), from the perspective of Michel Pêcheux. This gesture of reading may shed light on the understanding of the dialectical character of the production of meanings and the constitution of subjects in the current historical process. In this direction, it is necessary to emphasize that the theoretical and methodological premise of the debate that will be developed here emphasizes that discourse is a historically determined object, and its complexity reveals the determinations of class conflict of a social formation (in the present case, capitalist social formation, constituted by the antagonism between capital and labor). Our study path pointed to the necessary retrieval of a reference to History from the perspective of historical dialectical materialism, in an attempt to avoid that the materialist theory of production of meanings be emptied of critique of capitalist society.

Keywords: Discourse, Meaning's material character, Social Classes.

* Doutor em Letras e Linguística na linha de pesquisa Discurso: sujeito, história e ideologia. Professor e pesquisador da Universidade Federal de Alagoas, atuando na Graduação e na Pós-Graduação em Letras – UFAL. Bolsista Produtividade do CNPq. Vice-líder do Grupo de Estudos Discurso e Ontologia (GEDON).



Resumen

Buscamos, en este artículo, situar el/la lector/a respecto a la importancia de la comprensión del Carácter Material del Sentido y de las Clases Sociales em el Análisis del Discurso (AD), en la perspectiva de Michel Pêcheux. Ese gesto de lectura podrá echar luces sobre el entendimiento del carácter dialéctico de la producción de sentidos y constitución de sujetos en el proceso histórico actual. En esa dirección, es necesario señalar que la premisa teórica y metodológica del debate que aquí será desarrollado destaca que el discurso es un objeto históricamente determinado, y su complejidad revela las determinaciones de las luchas de clases de una formación social (en el caso actual, se trata de la formación social capitalista, constituida por el antagonismo entre capital y trabajo). Nuestro recorrido de estudio señaló al rescate necesario de una referencia a la Historia en la perspectiva del materialismo histórico dialéctico, en el intento de evitar que la teoría materialista de la producción de sentidos se vacíe de la crítica a la sociedad capitalista.

Palabras clave: Discurso, Carácter material del sentido, Clases Sociales.

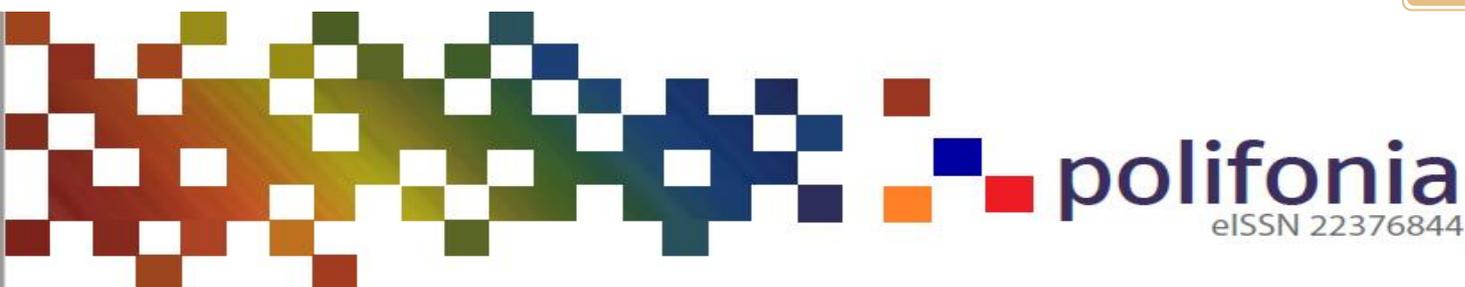
Palavras iniciais: sobre Pêcheux e o caráter material do sentido

A história da produção dos conhecimentos não está *acima* ou *separada* da história da luta de classes, como o “bom lado” da história se oporia ao “mau lado”; essa história está inscrita, com sua especificidade, na história da luta de classes. (PÊCHEUX, 1997a, p. 190)

Para situar o/a leitor/a sobre a importância de compreender o *caráter material do sentido* e as *classes sociais* na prática da Análise do Discurso (AD), na linha de Michel Pêcheux, é preciso iniciar dizendo que os estudos que desenvolvemos nos últimos anos¹ apontaram para questões inquietantes que nos fizeram despertar para a necessária elaboração do presente artigo, tais como: *o que significa dizer que a Análise do Discurso é uma teoria materialista do discurso? Quais os trajetos de leituras efetivados por Michel Pêcheux que revelam sua filiação à perspectiva materialista? Como se articulam as classes sociais e as práticas discursivas na produção de sentidos e na prática do analista de discurso?*

Tais questionamentos postos no início do presente texto exigem acompanhar o modo como questões próprias à perspectiva materialista são convocadas na obra de Pêcheux, revelando filiações e, também, lançando perguntas sobre a prática teórico-política

¹ (SILVA SOBRINHO, 2014; 2016; 2018a, 2018b).



do analista de discurso, pois compreendemos que esse gesto de leitura, esse gesto de interpretação², poderá enriquecer a compreensão sobre a complexidade do discurso e lançar luzes sobre o entendimento do caráter histórico e dialético da produção de sentidos e de sujeitos na processualidade histórica atual.

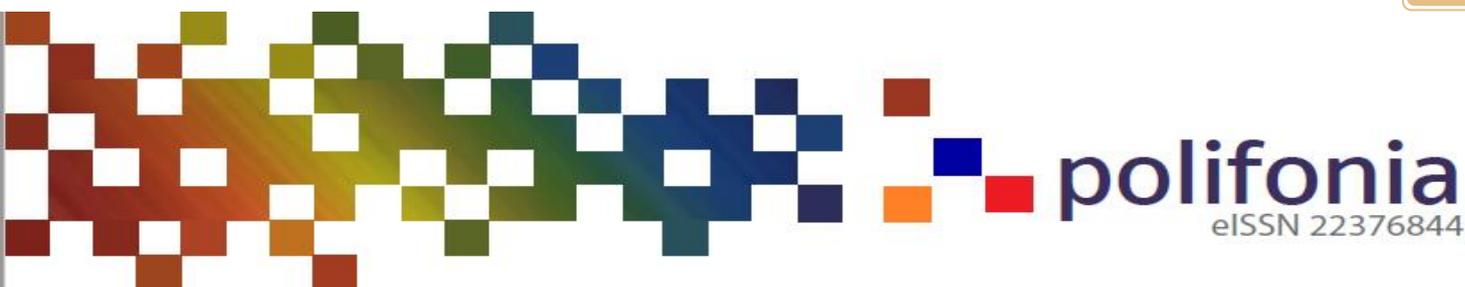
Tais inquietações partem das seguintes assertivas do livro *Les vérités de la Palice* (título original do livro *Semântica e Discurso*)³. Tomaremos de empréstimo, para o início desta reflexão, as citações abaixo:

- A semântica constitui de fato para a Linguística um ponto nodal de contradições que atravessam e organizam tendências e direções de pesquisa; e este ponto nodal tem a ver com a Filosofia e com a ciência das formações sociais ou materialismo histórico. (PÊCHEUX, 1997a, p. 20).
- A “língua” como sistema se encontra contraditoriamente ligada, ao mesmo tempo, à “história” e aos “sujeitos falantes”. (PÊCHEUX, 1997a, p. 22).
- Pensamos que uma referência à História, a propósito das questões de Linguística, só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se podem chamar as “práticas linguísticas” inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma formação econômica e social dada: com essa condição, torna-se possível explicar o que se passa hoje no “estudo da linguagem” e contribuir para transformá-lo, não repetindo as contradições, mas tomando-as como os efeitos derivados da luta de classes hoje em um “país ocidental”, sob a dominação da ideologia burguesa. (PÊCHEUX, 1997a, p. 24).
- Todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes. (PÊCHEUX, 1997a, p. 92).

Com essas citações, podemos compreender que há um trajeto investigativo (teórico e político) proposto pelo autor, que *atravessa os estudos sobre a Linguística (em especial sobre a Semântica) e se inscreve na perspectiva do materialismo histórico*. Vale ressaltar que desenvolver tal reflexão sobre a teoria materialista do discurso não é fácil. Há sempre, nesses espaços, fronteiras das regiões de saberes, arriscadas possibilidades de algum deslize teórico e analítico e, sobretudo, arriscadas controvérsias políticas. Mas isso não nos

² Estamos nos filiando à compreensão de Orlandi (1996) do gesto de interpretação como prática discursiva que intervém no mundo.

³ Segundo Mالدیدier (2004, p. 37), este é o grande livro de Pêcheux, “onde se apresenta o estado mais acabado da teoria”.



impede de pensar com o professor-filósofo-cientista-militante⁴ Michel Pêcheux e arriscar tecer alguns apontamentos sobre a produção de conhecimento na Teoria do Discurso, avaliando o que podemos conceber como um princípio teórico e constitutivo do discurso, ou seja, o seu *caráter material*⁵.

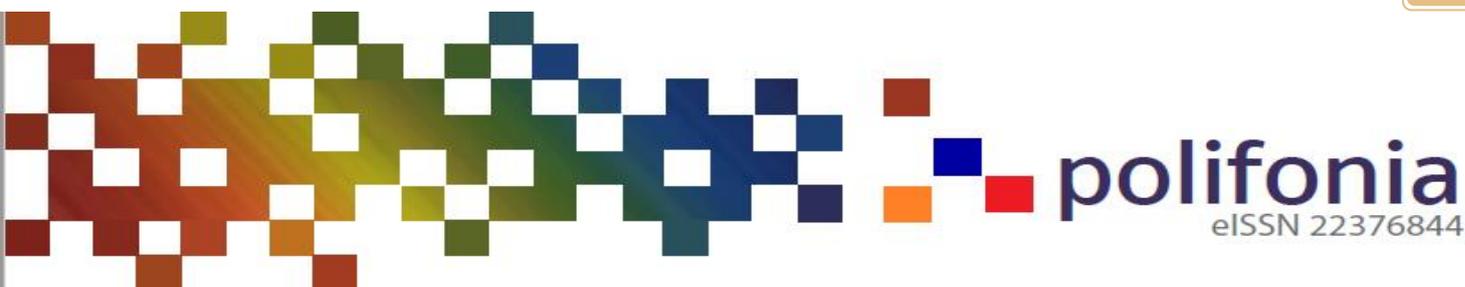
É preciso destacar que estamos tomando posição por uma perspectiva crítica da linguagem que trabalha a língua em sua inscrição material nas práticas dos sujeitos, pressupondo o social, o histórico, o ideológico, o político e, sobretudo, as lutas de classes. Nesse sentido, faz-se necessário salientar que a premissa teórica e metodológica do debate que será aqui desenvolvido destaca que o discurso é um objeto historicamente determinado e que sua complexidade revela as determinações dos conflitos e lutas de classes de uma formação social (no caso atual, trata-se da formação social capitalista, constituída pelo antagonismo entre capital e trabalho). Isso nos aponta para o necessário resgate de uma referência à História na perspectiva do materialismo histórico e dialético, na tentativa de evitar que a teoria materialista da produção de sentidos se esvazie da crítica radical à sociedade capitalista.

Por isso, o presente texto estabelece um diálogo, a nosso ver, indispensável, entre a Análise do Discurso e a Filosofia de perspectiva materialista. Para aprofundar a compreensão dessa problemática, é necessário um estudo dos fundamentos teóricos, metodológicos e políticos que Pêcheux realizou. Fazer este estudo permitirá entender o que é o *caráter material do sentido*, para, em seguida, desdobrar a reflexão em análises capazes de abordar a imbricação contraditória entre sujeito, língua e história na sociedade capitalista. É disso que se trata esta proposta de investigação.

Uma referência à História: a perspectiva materialista dialética

⁴ Cf. SILVA SOBRINHO, 2018a.

⁵ Para maiores aprofundamentos desse gesto de interpretação, sugerimos o texto de Silva Sobrinho (2018a), pois trabalha especificamente com o que Pêcheux chamou de o *caráter material do sentido*, trazendo para a reflexão a perspectiva da ontologia histórico-materialista de Marx/Lukács, articulando o processo de vida material e os processos discursivos, apreendendo-os em suas conexões de caráter dialético. Busca, sobretudo, fundamentar o debate teórico-político, ao retomar e problematizar questões da crítica à sociedade capitalista na perspectiva discursivo-ideológica, levando em consideração a totalidade histórica.



Pensamos que uma referência à História, a propósito das questões de Linguística, só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se podem chamar as “práticas linguísticas” inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma formação econômica e social dada. (PÊCHEUX, 1997a, p. 24).

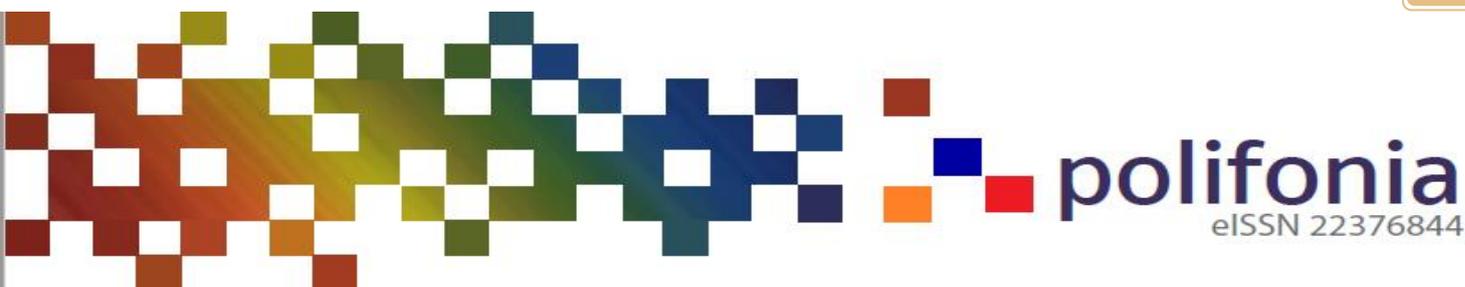
Em diversos artigos e eventos da área, deparamo-nos com dizeres que situam a filiação teórica dos/as pesquisadores/as e fazem significar a AD como: “esta pesquisa é uma análise de discurso materialista”. No entanto, pensamos que se trata de uma forma de dizer que se apresenta em seu efeito ideológico de transparência e opacidade, dando margem a inúmeras interpretações que exigem uma reflexão cuidadosa.

Dito isso, podemos justificar por que é necessário voltar aos fundamentos materialistas⁶. Realizar este estudo é imprescindível para avançar na orientação do olhar do/a analista sobre os procedimentos teóricos e metodológicos, visando contribuir para o desenvolvimento da Teoria do Discurso e, sobretudo, vislumbrando a compreensão dos processos discursivos em sua complexidade na sociedade capitalista, haja vista que esta problemática tem inquietado e, sobretudo, desafiado os/as analistas de discurso, filiados/as aos estudos de Michel Pêcheux.

Ao abordarmos o conceito de classes sociais, observamos que essa categoria histórica se faz presente em toda a obra de Pêcheux e ganhou força na Teoria do Discurso, especialmente no livro *Semântica e Discurso*. Ao afirmar que é na Semântica “que a Linguística tem a ver com a *Filosofia* (e, como veremos, com a *ciência das formações sociais ou materialismo histórico*)”, Pêcheux (1997a, p. 20) propôs uma interessante articulação teórica e política com o materialismo histórico e dialético.

No livro *Semântica e Discurso*, a Semântica é problematizada como “ponto nodal” das contradições da ciência Linguística, o que assinala, para Pêcheux, a necessidade de

⁶ Ver Maldidier *et al.* (1997) no artigo “Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa”, especialmente o item em que as autoras focam sua discussão nos conceitos do marxismo, nomeando o item como “Pontos de partida indispensáveis: os conceitos fundamentais do marxismo”.



refletir sobre a língua, a política, o Estado burguês, a prática científica, o movimento operário e as transformações do Partido Comunista, a Ideologia e seu funcionamento, enfim, sobre os efeitos das lutas de classes nas produções materiais de sentidos em uma determinada sociedade.

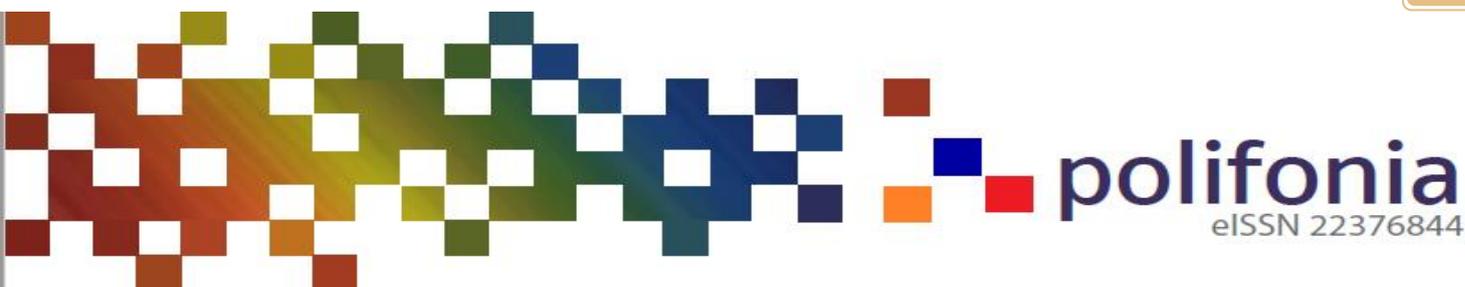
As pistas para compreender essa reflexão são explicitadas já na introdução do livro citado acima, orientando, assim, o nosso olhar sobre as lutas de classes e os efeitos dessas lutas nas práticas linguísticas, pois, como afirma Pêcheux: “uma referência à História, a propósito das questões de Linguística, só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classes” (PÊCHEUX, 1997a, p. 24).

Essa assertiva de Pêcheux é mais do que necessária para o momento histórico que vivenciamos. Podemos ver na citação a importância de uma referência à História que não se enquadra no pensamento diacrônico ou sincrônico da perspectiva da ciência Linguística. Há, pois, uma primazia das relações sócio-históricas, o que enfatiza a necessidade de uma tomada de posição pelo materialismo histórico e dialético, ou seja, uma mudança de terreno no estudo da linguagem, tratada por Pêcheux como uma ruptura teórica, epistemológica e política⁷.

Podemos dizer que na grande obra *Semântica e Discurso*, Pêcheux (1997a) assume uma reflexão com dimensão teórico-analítica e, também, sempre com uma posição política. Nessa perspectiva, o autor retoma a conjuntura histórica da sociedade capitalista e seus constitutivos conflitos de classes entre burguesia e proletariado. O movimento de sua reflexão parte da Linguística, passando pela Lógica e pela Filosofia da Linguagem (tida como idealista) até chegar à teoria materialista do discurso, pensando, especificamente, a intrincada relação entre discurso e ideologia. Por fim, o professor-filósofo-cientista-militante desdobra a reflexão em questões que abordam “os processos discursivos nas ciências e na prática política”.

Nesse profundo movimento teórico, Pêcheux privilegia a questão do discurso e aponta para a prática política do proletariado como lugar cujas questões do político, da

⁷ Essa tomada de posição pelo materialismo também pode ser encontrada nos capítulos do *Semântica e Discurso*, dedicados aos textos de Frege. Sugerimos a leitura do nosso artigo “Pêcheux diante da lógica fregeana: apontamentos sobre a relação entre objetividade e subjetividade”. (SILVA SOBRINHO, 2018b).



ciência, do sujeito, da ideologia, da língua e da sociedade capitalista e suas práticas reacionárias e revolucionárias se imbricam.

Na sua “aventura teórica”, como bem diz Malidier (2003), Pêcheux se propõe a tarefa de abrir campos de questões e “dar trabalho à Lingüística por meio de sua relação com objetos de outro domínio científico: a ciência das formações sociais” (1997a, p 89). Isso impôs uma tomada de posição teórica e política da Análise do Discurso, levando em consideração que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (1997a, p. 92). Não é por acaso que Pêcheux relembra, em *Semântica e Discurso*, um artigo anteriormente produzido (trata-se de um dos seus primeiros trabalhos, *Remarques pour une théorie générale des idéologies*⁸), e expõe que, ao deixar esquivar a questão das lutas de classes, acabou tropeçando em “erros idealistas”, especificamente porque não considerou em sua reflexão teórica as lutas de classes e a questão da contradição.

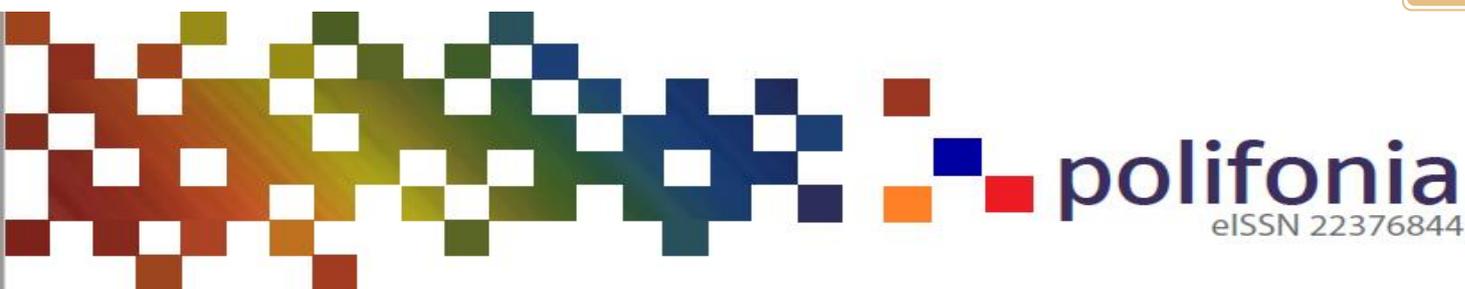
Como afirma o próprio autor:

Mas a verdadeira raiz desse erro se encontra em outro lugar, mais precisamente, no desconhecimento da luta de classes: o termo e o conceito de contradição, bem como o de luta de classes, estão ausentes, enquanto tais, da descrição dos processos ideológicos empíricos e especulativos. (PÊCHEUX, 1997a, p. 132).

Podemos dizer, então, que a tomada de posição teórica de Pêcheux enfatiza a categoria *luta de classes*, o que permite trabalhar conceitos como os de história, de ideologia, de modo de produção, de formação social e de condições de produção, que são conceitos significativos para o desenvolvimento teórico, analítico e político da AD. Por isso, o pensamento de Pêcheux compreendia o movimento dialético do discurso, bem como o embate entre as perspectivas de mundo materialista e idealista.

Essa afirmativa revela precisamente a relação que Pêcheux estabelece com a concepção de História advinda do marxismo. Tomar posição pelo materialismo em Análise

⁸ Texto publicado no *Cahiers pour l'analyse*, n° 9, 1968. Pêcheux se apresentava sob o pseudônimo de Thomas Herbert. Para comentários sobre o texto, ver Henry (1997).

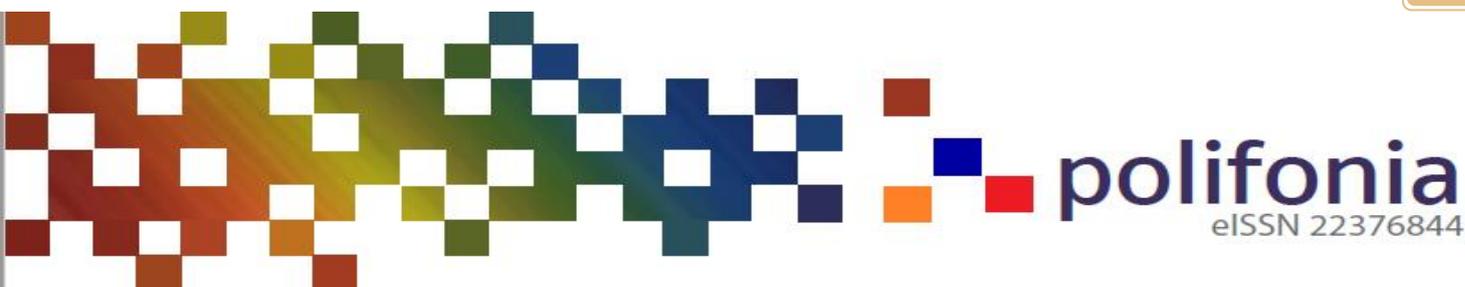


do Discurso é se inscrever na perspectiva do materialismo histórico e dialético, desenvolvido por Marx e Engels em suas reflexões sobre o fazer-se histórico dos sujeitos em suas condições materiais de produção, que dizem respeito ao processo real de produção que se estabelece nas relações entre os sujeitos e a natureza na atividade de trabalho (base material da vida, instância econômica), e intercâmbio entre os sujeitos em suas relações materiais e ideológicas de produção, reprodução e transformação.

Nessa perspectiva, compreendemos que o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, política e espiritual. Como afirma Marx (1996, p. 52), “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”. Dessa forma, dialogando com a AD na perspectiva que leva em consideração o materialismo, podemos afirmar que o discurso sofre determinações da processualidade sócio-histórica; em última instância, sofre determinação da base material (base econômica, relações que compreendem a produção/reprodução/transformação da vida material dos sujeitos em sociedade). Dizer isso pode parecer problemático para quem não considera o discurso em seu processo histórico, ou seja, enquanto práxis social, humana e efetiva. Por essa razão, é importante destacar que o discurso atua de modo dialético, em seu efeito de retorno, sobre essa base material (econômica). Segundo Pêcheux,

Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele **constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho** (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) **de deslocamento no seu espaço**. (PÊCHEUX, 2002, p. 56, grifos nossos).

Dessa forma, Pêcheux compreendia o trabalho do discurso em seu processo dialético enquanto gênese nas relações sociais e efeito de retorno sobre as filiações sócio-históricas de produção de sentidos e sujeitos. A nosso ver, a gênese do discurso está nas condições materiais de produção, ou seja, na produção da vida material, e o efeito de retorno do discurso implica deslizes nos trajetos de sentidos, o que o filósofo chama de agitações, movimento, deslocamento dos sentidos e das práticas dos sujeitos.



Desprezar esse ponto essencial pode embaçar o olhar analítico e impedir a compreensão do real da história em seu movimento dialético. Isso tem fortes consequências no desenvolvimento da análise, pelo risco de conceber o discurso como ser autônomo, deixando escapar a especificidade da própria Análise do Discurso, que articula o dizer com suas condições materiais de produção, revelando, assim, a imbricada relação entre sujeito, língua e história⁹.

Não é a nossa intenção retomar aqui todo o debate desenvolvido por Marx e Engels, mas vale assinalar que esses estudiosos criticavam os filósofos idealistas que acreditavam somente na força das ideias, na representação, como capazes de mover a história e, desse modo, não conseguiam compreender, a partir de uma perspectiva materialista, que em qualquer âmbito, seja ele social, político, filosófico, jurídico, científico, religioso, artístico etc., há determinações sociais que atuam no/sobre o pensamento, para nós, no/sobre o discurso e na produção de sentidos¹⁰.

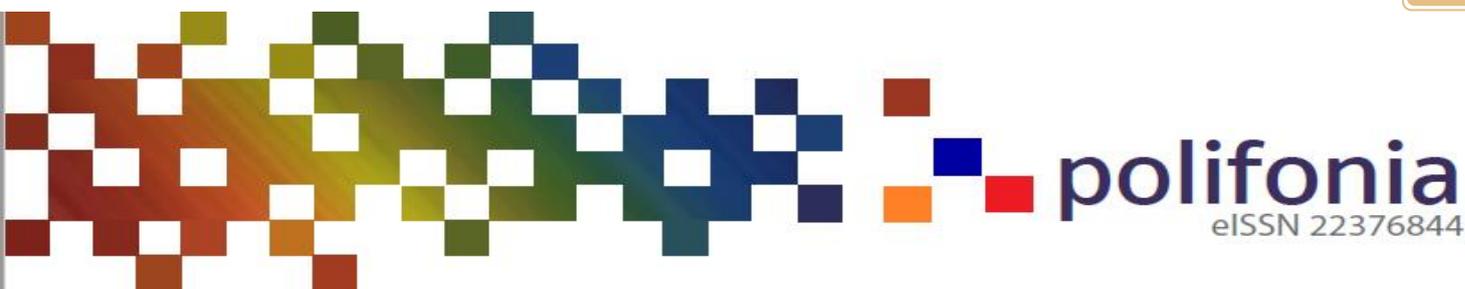
Daí decorre a necessidade de uma ancoragem filosófica, pois, se há na AD uma posição materialista, não se trata de compreender o materialismo como se fosse um ato mecânico em que a base material determinaria “mecanicamente” o pensamento. Para uma perspectiva materialista que leva em conta a história e o movimento dialético, há uma relação dialética entre as práticas sociais e o pensar e o dizer sobre elas, uma vez que não se trata de um nexos “mecânico-economicista”.

Conforme Pêcheux,

O primado do real sobre o pensamento não está ligado, de modo algum, a puras propriedades linguísticas, mas depende de um “exterior” bem diferente, que é o conjunto dos efeitos, na “esfera da ideologia”, da luta de classes sob suas diversas formas: econômicas, políticas e ideológicas. (PÊCHEUX, 1997a, p. 258)

⁹ Segundo Orlandi, deve haver na AD “a necessidade de se considerar que a língua significa porque a história intervém, o que resulta em pensar que o sentido é uma relação determinada do sujeito com a história” (ORLANDI, 1996, p. 46). Tratar da relação da língua com a História é essencial na compreensão da produção de sentidos.

¹⁰ Marx, nas “Teses sobre Feuerbach”, fundamenta o caráter materialista de seus trabalhos; nele, o autor critica o materialismo vulgar (que só trata da matéria) e o idealismo (que só trata das ideias), pois os dois incorrem em erros por não reconhecerem a atividade humana enquanto práxis.

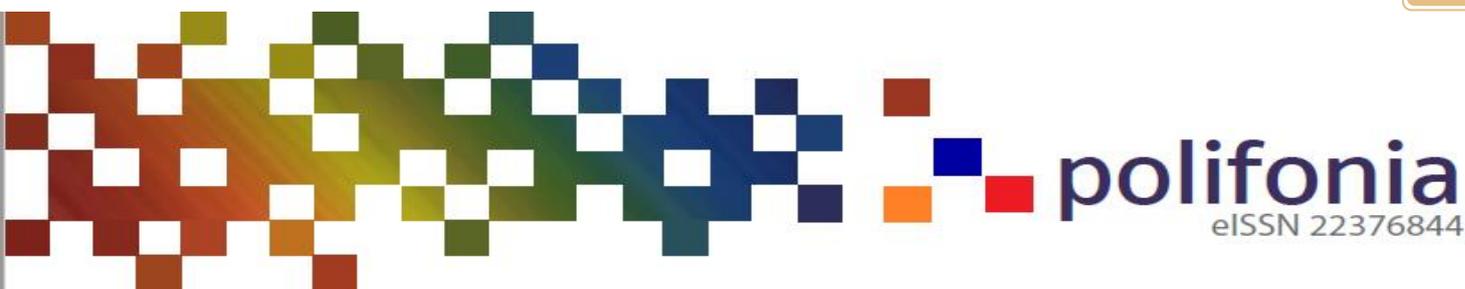


Por essa razão, o autor compreende o movimento contraditório do real em seu caráter de reprodução/transformação das relações de produção. Desse modo,

ao falar de “reprodução/transformação”, estamos designando o caráter intrinsecamente contraditório de todo modo de produção que se baseia numa divisão em classes, isto é, cujo “princípio” é a luta de classes. Isso significa, em particular, que consideramos errôneo localizar em pontos diferentes, de um lado, o que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para sua transformação: a luta de classes atravessa o modo de produção em seu conjunto, o que, na área da ideologia, significa que a luta de classes “passa por” aquilo que L. Althusser chamou os aparelhos ideológicos de Estado. (PÊCHEUX, 1997a, p. 144).

Como podemos notar na leitura desse trecho, Pêcheux sustenta sua compreensão sobre a produção de sentido que se inscreve nas relações sociais, ou seja, toma o discurso enquanto efeitos de sentido entre interlocutores e destaca a conjuntura histórica e as lutas de classes na produção e compreensão do sentido. Portanto, o estudo sobre o discurso, conduzido a fundo no livro *Semântica e Discurso*, estabelece a arquitetura da teoria materialista do discurso, articulando a processualidade histórica e sua complexidade na totalidade da práxis social. Assim, a materialidade do discurso não só expressa os conflitos (pois tem sua gênese neles), como atua nos conflitos de classes. O sentido de uma palavra, na perspectiva da teoria materialista dos processos discursivos, não está dado *a priori*; ele é sempre produzido em uma conjuntura histórica determinada pelas forças materiais e ideológicas em lutas, como se acha na seguinte assertiva pecheutiana:

O *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de



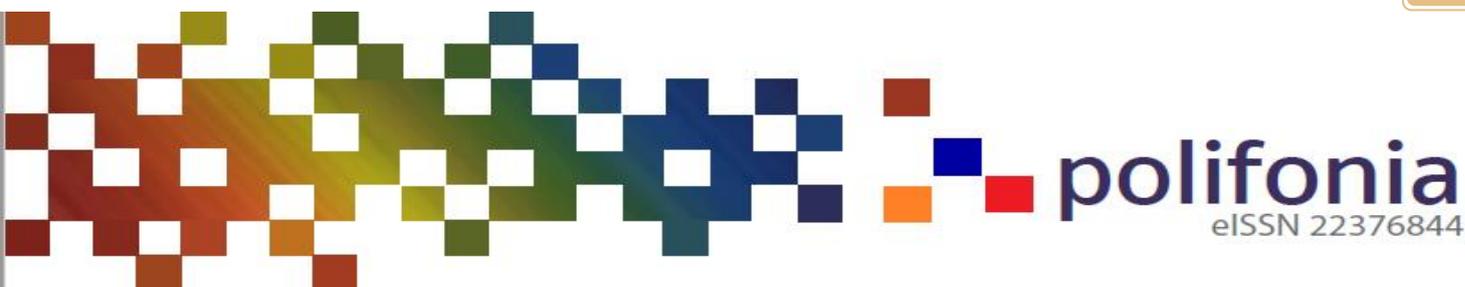
uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, 1997a, p.160).

Noutras palavras, o sentido é uma produção historicamente determinada – daí a importância de levar em consideração as posições ideológicas numa conjuntura determinada pelo estado da luta de classes para se chegar ao *caráter material do sentido*. Isso toca na questão da historicidade das relações sociais juntamente com a historicidade contraditória do sentido e do sujeito. No entanto, a ideologia funciona produzindo evidências que mascaram o *caráter material do sentido*, uma vez que

é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e **que mascaram**, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o **caráter material do sentido** das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1997a, p. 160, grifos nossos).

Por isso, nem sempre é possível compreender que os sujeitos e os efeitos de sentidos, embora divididos e muitas vezes reificados, são produções históricas, pois somos afetados pela evidência de sermos “já-sempre” sujeitos e esquecemos as causas que nos determinam, bem como nos deparamos, cotidianamente, com o efeito de evidência de sentido, que parece colar “naturalmente” palavra e coisa, ou como afirma Pêcheux (1997a, p. 31), “a evidência diz: as palavras têm um sentido porque têm um sentido, e os sujeitos são sujeitos porque são sujeitos”. É desse modo que nem sempre enxergamos os conflitos que perpassam a linguagem e constituem os sujeitos, pois o efeito da ideologia nos processos discursivos produz a naturalização dos sentidos que nos circundam e orientam as nossas práticas.

Assim, o efeito de evidência de sermos sujeitos e da transparência do sentido que, conforme Pêcheux (1997a), nos leva a pensar sobre o que “todo mundo sabe” como algo “evidente”, e também permite que “uma palavra ou um enunciado queira dizer o que realmente dizem”, mascara, em seu funcionamento ideológico, o “caráter material do sentido”. Em nosso entender, mascara o seu caráter sócio-histórico determinado pelos conflitos e lutas de classes.



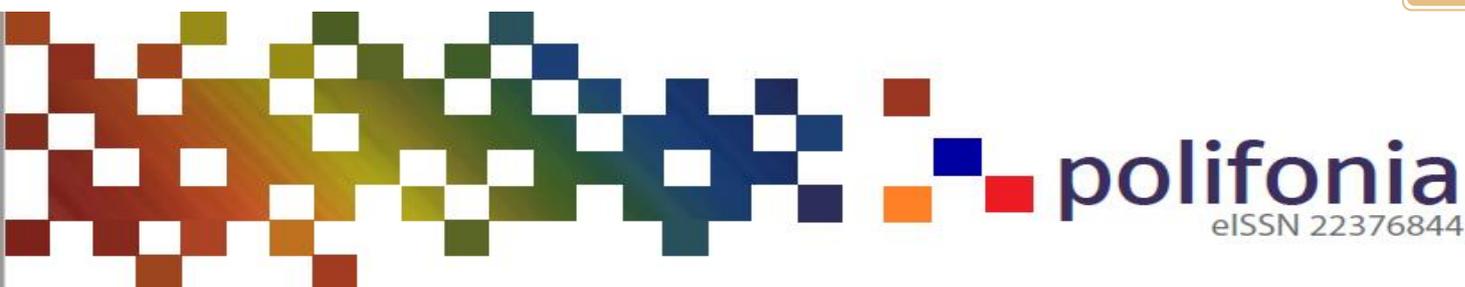
Essa passagem nos conduz ao ponto essencial deste debate, pois podemos reconhecer e retomar a premissa da perspectiva materialista na AD, pressupondo a determinação histórica do pensamento – e não o seu contrário, idealista, em que o pensamento determinaria o ser. A determinação do real sobre o pensamento revela a determinação do discurso pelo real sócio-histórico, ou seja, por suas condições materiais de produção que são responsáveis pelo *caráter material do sentido*.

Assim, é das contradições sócio-históricas que brota a natureza reacionária ou revolucionária, conservadora ou transformadora de todo discurso. No caso da sociabilidade capitalista, suas contradições são fundadas na propriedade privada, na divisão social e técnica do trabalho, na exploração de uma classe sobre a outra classe, na transformação dos sujeitos e objetos em mercadoria, visando à reprodução do capital. Por isso, é preciso atentar para a questão da articulação do discurso e suas condições de produção (relações sociais de caráter material e historicamente determinadas), a partir das quais as contradições das práticas discursivas reaparecem em sua concretude histórica. Ou seja, reaparecem na esfera do caráter material do sentido.

Podemos afirmar, então, que o discurso, em seu caráter material, está sempre imbricado com os interesses materiais e ideológicos das classes sociais em lutas, pois estas continuam produzindo efeitos sobre as práticas linguísticas em suas diversas modalidades, especialmente no discurso político, jurídico, na mídia, bem como no discurso científico e nos discursos com os quais nos deparamos cotidianamente.

O discurso, enquanto processo dinâmico e contraditório engendrado na totalidade da processualidade sócio-histórica, é parte do fazer dos sujeitos em sociedade, pois é práxis social. Desse modo, os sujeitos históricos e seus discursos estão entrelaçados na dinâmica das relações de base material, na qual os interesses de classes em jogo atravessam e regem, em sua contraditoriedade, os ditos e os silenciamentos¹¹.

¹¹ Como diz Orlandi (2002, p. 14), as palavras “são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio fala por elas; elas silenciam”.



O caráter material do sentido e os conflitos de classes

[...] estamos designando o caráter intrinsecamente contraditório de todo modo de produção que se baseia numa divisão em classes, isto é, cujo “princípio” é a luta de classes. (PÊCHEUX, 1997a, p. 144).

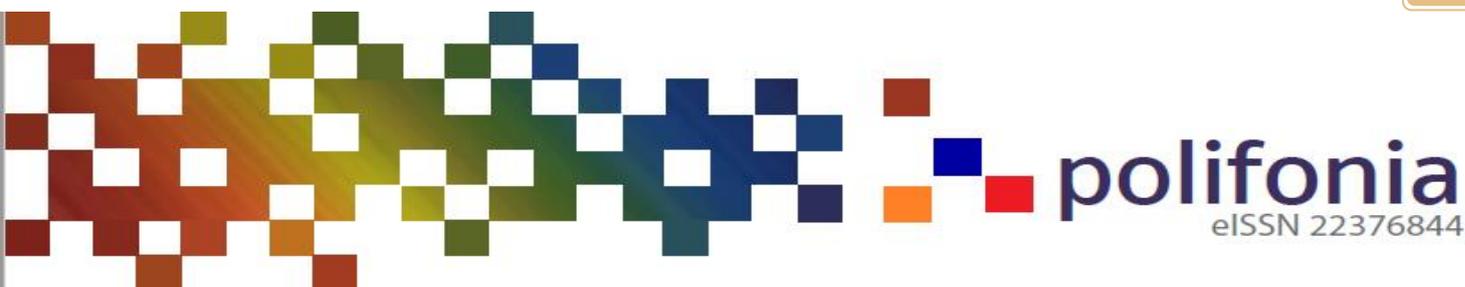
Como sabemos, o conceito de classes sociais se tornou problemático, sobretudo quando o pensamento dominante, e hoje cada vez mais, divulga que a reflexão teórica marxista é um pensamento “ultrapassado”, ou mesmo “perigoso” e, por isso, deve ser “aniquilado”. A nosso ver, isso já é um efeito das lutas de classes com dominação da ideologia burguesa, pois, como explicam Marx e Engels,

As idéias da classe dominante são, em todas as épocas, as idéias dominantes; ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo sua força espiritual dominante [...]. As idéias dominantes, são, pois, nada mais que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são essas relações materiais dominantes compreendidas sob a forma de idéias; são, portanto, a manifestação das relações que transformam uma classe em classe dominante; são dessa forma, as idéias de sua dominação. (MARX & ENGELS, 2004, p. 78).

É preciso dizer que a sociedade capitalista em sua dominação burguesa busca explicar as relações de trabalho (relações de exploração) como algo “natural” no mundo “globalizado” e “neoliberal” e, assim, busca explorar cada vez mais os/as trabalhadores/as para manter a lógica do lucro. Consideramos necessário retomar os textos de Marx para compreender a base material da atividade humana, no caso em estudo, para compreender o modo de ser da sociedade capitalista com sua produção de sentidos e de sujeitos.

Para isso, precisamos entender que a origem das classes sociais se dá nas relações de base econômica, nos lugares e posições estruturais que os indivíduos/sujeitos ocupam nas relações de produção, pois é de onde deriva a divisão social do trabalho. As classes estão ligadas às fases do desenvolvimento histórico, ou seja, constituídas em um determinado momento de desenvolvimento das forças produtivas.

Segundo Marx e Engels,



a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito. (MARX & ENGELS, 2010, p. 40).

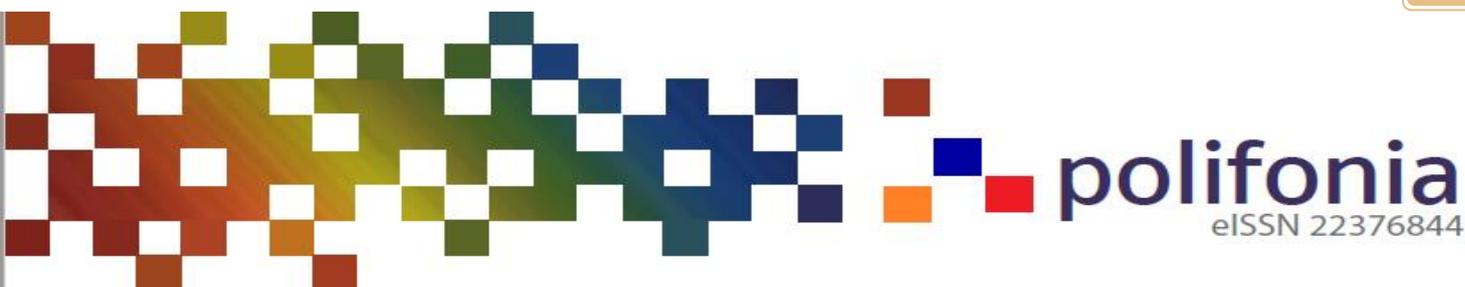
Podemos destacar, também, que na teoria marxista as classes têm uma existência objetiva antes mesmo de terem consciência (ideológica) de sua posição de classe em luta. Ao tratar da produção social da consciência, Marx vincula as representações e as ideias às atividades materiais dos sujeitos em sociedade. Por isso, precisamos reafirmar que, na perspectiva materialista, há uma determinação social do pensamento, mas não se trata de mecanicismo, em que a base econômica determinaria “mecanicamente” a superestrutura.

É importante esclarecer essa questão citando Engels:

[...] a concepção materialista de História, o fator determinante na História é, em última instância, a produção e a reprodução da vida material. Nem Marx nem eu nunca afirmamos mais do que isso. Se depois alguém torturar esta proposição para fazê-la declarar que o fator econômico é o único determinante, transforma-a numa frase vazia, abstrata, absurda. A situação econômica é a base, mas os diversos elementos da superestrutura – as formas políticas da luta de classes e seus resultados – [...] exercem igualmente sua ação no curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam de maneira preponderante sua forma. (ENGELS *apud* ROBIN, 1977, p. 110).

A nosso ver, levar em consideração a existência histórica das classes sociais é também considerar a existência e o funcionamento histórico do discurso e da ideologia nas contradições sociais, ou seja, o seu *caráter material*. É preciso levar em consideração que a ideologia tem uma existência material, e isso permite a compreensão do funcionamento da materialidade do discurso em sua intrínseca relação com as classes sociais no fazer-se histórico dos sujeitos em sociedade.

Dito isso, voltemos à totalidade das questões, principalmente para assegurar a necessidade de pensar com radicalidade o mundo atual, pois as transformações das relações de trabalho estão articuladas à mundialização do capital, que direciona o



movimento de reestruturação produtiva na tentativa de recuperar o capital em crise. Essas mudanças se configuram como uma ofensiva do capital sobre o trabalho, e isso não apenas ocorre de modo objetivo (com a precarização do trabalho e a exploração cada vez mais intensificada), mas, também, no aspecto subjetivo, que desmobiliza a classe trabalhadora, submetendo-a cada vez mais ao interesse do mercado e à lógica do lucro.

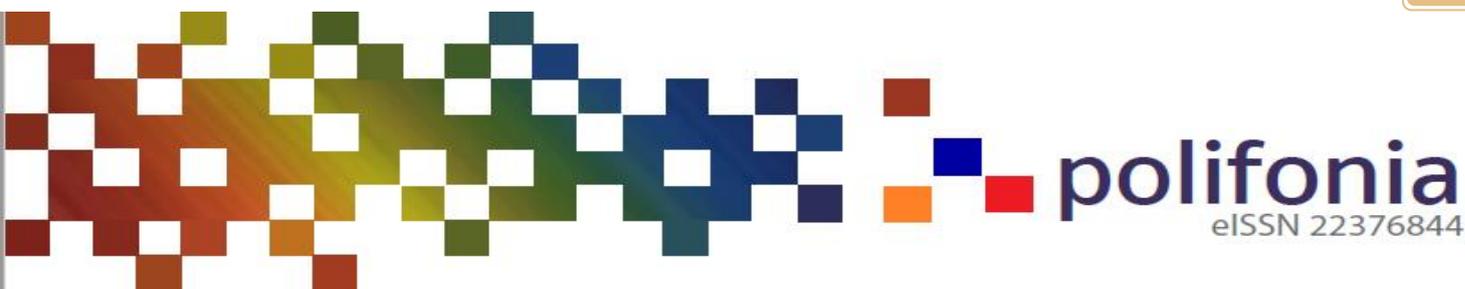
Diante de suas crises, o capital buscou soluções a partir da reestruturação produtiva, como o toyotismo¹², que se iniciou no Japão, difundiu-se no mundo capitalista como a melhor forma de racionalidade da produção (produção enxuta) e passou a ser a exigência do capital globalizado e seu “livre” mercado na produção, distribuição e consumo das mercadorias. Esse fato produziu implicações nas relações de trabalho com a precarização do trabalhador e o aumento do desemprego e, também, na fragilização das forças sindicais¹³.

De fato, o capitalismo continua em crise econômica e política. Segundo Mészáros (2002), trata-se da crise estrutural do capital, cujas contradições alcançaram limites extremos. Falência de empresas, desemprego estrutural, destruição do meio ambiente e conflitos de toda ordem se mostram no mundo inteiro. É importante destacar que, ao tempo que temos mudanças na ordem objetiva (material) da atividade de trabalho, temos, também, mudanças na subjetividade e no plano discursivo. Tais mudanças são orientadas por novas tentativas de organização/controle da produção, visando à recuperação dos ganhos do capital. Tudo isso atinge os/as trabalhadores/as tanto no seu emprego/desemprego como na sua própria organização/mobilização/resistência.

Temos visto como determinadas discursividades que apelam para “mudanças” e para “reformas” têm sido ideologicamente tomadas como princípios fundamentais para os programas de gerenciamento da produção e para o pensamento e direcionamento do Estado

¹² O toyotismo, ou modelo japonês, é um modelo produtivo que se caracteriza por a produção ser conduzida pela demanda, por isso, com estoque mínimo. Trata-se de uma produção flexível na qual o operário opera com várias máquinas, o que intensifica a exploração da força de trabalho. Cf. (ANTUNES, 1995).

¹³ Segundo Antunes (1995), as relações de trabalho hoje se apresentam cada vez mais complexificadas, e a classe trabalhadora (classe-que-vive-do-trabalho) está cada vez mais fragmentada e heterogeneizada. Ainda, segundo o autor, as ofensivas do capitalismo em crise têm conduzido à fragmentação e à debilitação da consciência de classe, que se reduz ao caráter defensivo e não mais de contestação da ordem social capitalista.



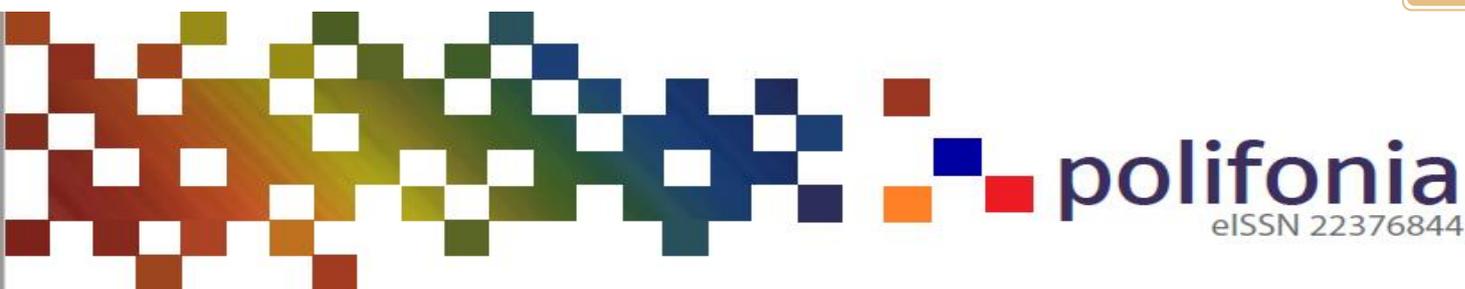
burguês, que proclama a globalização com suas práticas neoliberais como um caminho sem volta para a humanidade. Porém, consideramos que é preciso compreender que essa “nova” ordem mundial é fundada e iluminada pelos interesses capitalistas em transformação, e, hoje, cada vez mais em crise.

Nas análises das materialidades discursivas, cumpre destacar o processo de precarização e exclusão do trabalho; a seleção dos “mais aptos”; a vantagem dos “mais astutos” da economia e da elite política; as formas de dominação e subjugação do trabalhador/a, que ora incluem, ora excluem determinados sujeitos; o aumento do controle sobre os/as trabalhadores/as, não só no que corresponde à força física, mas, também, às exigências das capacidades intelectuais de resolução rápida de problemas sob os princípios da “cooperação”, “liderança”, “resiliência” e “produtividade”, visando a uma produção mais competitiva que gere lucros cada vez maiores para as empresas; as políticas neoliberais, que delegam setores importantes como a educação e a saúde para a iniciativa privada; os interesses escusos das “reformas” na educação e nas leis trabalhistas; os interesses políticos e econômicos da classe dominante na implementação de “reforma” no sistema de Previdência Social, e tantas outras questões (in)visíveis aos nossos olhos, que nos afetam impiedosamente e que têm como motor os conflitos de classes da sociedade capitalista.

Por isso, podemos dizer com Pêcheux, que diante da contradição de sentidos e de posições sujeitos,

[...] a luta ideológica não tem nada a ver com os chamados mal-entendidos semânticos que provocam problemas que desapareceriam à luz da formulação de uma semântica universal. No terreno da linguagem, a luta de classes ideológica é uma luta pelo sentido das palavras, expressões e enunciados, uma luta vital por cada uma das duas classes sociais opostas que têm se confrontado ao longo da história. Essa luta continua hoje como uma luta revolucionária incessante contra o estágio final do capitalismo. (PÊCHEUX, 2011, p. 273).

Essa constatação de que, numa sociedade dividida em classes sociais, nem sentidos nem sujeitos escapam dessa determinação histórica, desencadeia, em nossa leitura, a necessidade de afirmação política e de uma tomada de posição nesse embate teórico-prático. Como já dissemos, isso pode se concretizar na AD a partir do resgate da

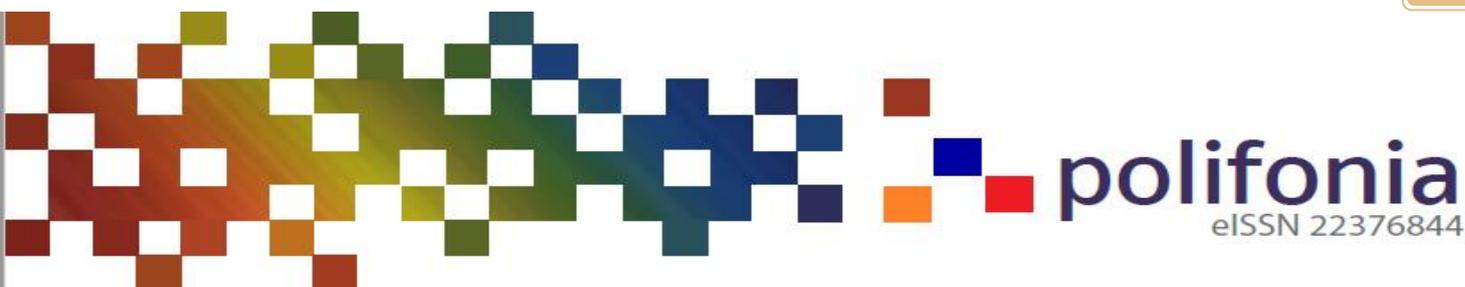


concepção de história e de sociedade, produzindo gestos de interpretação que busquem efetivamente compreender o *caráter material do sentido*, o que significa analisar o discurso em sua gênese e trabalho enquanto processo dialético nas práticas sócio-históricas, para assim compreender que os antagonismos nas relações entre capital e trabalho na sociedade globalizada e neoliberal estão imbricados na constituição dos sentidos e dos sujeitos.

As pesquisas em Análise do Discurso que levem em consideração essas contradições da sociedade capitalista podem entender como as transformações do mundo do trabalho são acompanhadas por estratégias de “cooptação” e “subjugação” da classe trabalhadora em ilusões de um mundo “cooperativo” de relações tidas como “democráticas”, “horizontais”, difundidas, muitas vezes, como “igualitárias” e “meritocráticas”, quando é o contrário que existe efetivamente, haja vista que ainda é a classe trabalhadora que continua mais vulnerável à lógica destrutiva do capital, cada vez mais global, pois, como assegura Pêcheux (1990, p. 13), “face a seu adversário mortal, a burguesia [...] aprendeu a tocar os pontos sensíveis... Hoje como nunca, o golpe continua certo”.

Diante de tantas transformações no mundo do trabalho com a reestruturação produtiva, a internacionalização do capital, a implementação de novas tecnologias, a exigência de trabalhadores/as polivalentes, a “cooptação” dos sindicatos pelas empresas justificando o “compromisso/acordo” entre patrão e empregado para o aumento da produtividade e da garantia do emprego para este último; ou mesmo, a eliminação dos sindicatos, tidos como lugares de “subversão” de sentidos e sujeitos. Seguem a isso os regimes de trabalho precários com contratação temporária, os salários defasados, a miserabilidade, o desemprego estrutural, a violência, a desigualdade, preconceito e discriminação social, a mendicância, a favelização, a carência de educação, saúde, moradia, saneamento básico, o adoecimento dos/as trabalhadores/as e outras tantas mazelas produzidas na sociedade capitalista.

Por isso, ressaltamos que as categorias teórico-analíticas – como *classes sociais* e *discurso* – são fortemente válidas para compreender o mundo atual e chegarmos ao *caráter*



material do sentido na busca de uma superação da sociedade capitalista¹⁴. Isso requer levarmos a sério a categoria de condições de produção no seu sentido amplo, ou seja, analisar as contradições sócio-históricas produzidas pelo capitalismo. Fazer isso possibilita escapar das reflexões cujo pensamento se concentra restritamente na teoria pela teoria.

Nessa perspectiva,

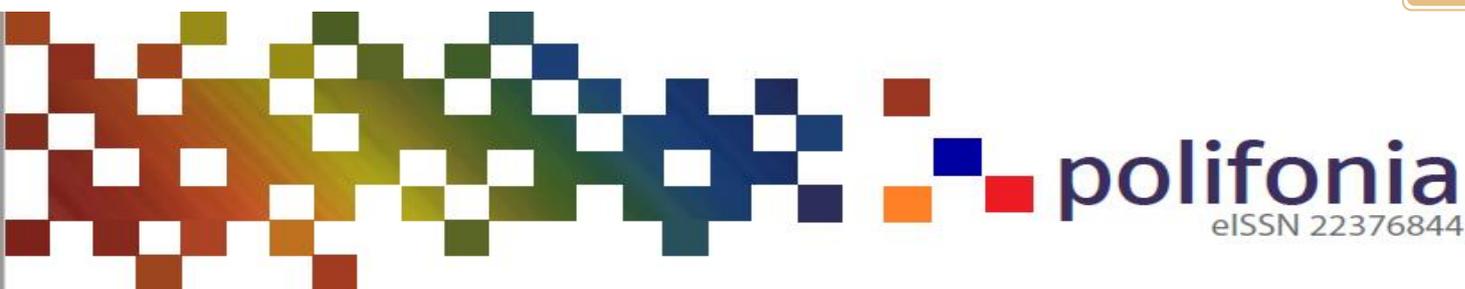
Iniciar pelo discurso e chegar à raiz das contradições da sociedade capitalista significa contribuir para dar um passo à frente em busca de uma perspectiva revolucionária que seja capaz de compreender e atuar, de modo eficaz, nas contradições discursivas que o modo de produção capitalista instaurou e vem tentando mantê-las como se fossem “naturais”, “universais” e “eternas”. Assim, pois, nosso confronto, enquanto analistas de discurso que assumem uma perspectiva materialista, é com o próprio sistema desumanizante do capital. Desse modo, podemos dizer que fazer AD é, para nós, uma perspectiva de resistência-revolta-revolução contra a opressão do capital. (SILVA SOBRINHO, 2016, p. 93).

Ao pontuar essa questão, estamos buscando aprofundar a reflexão sobre o processo de significação das práticas discursivas, pensando o funcionamento dialético e contraditório do discurso, seu *caráter material*, pois é necessário reconhecer na discursividade a existência do antagonismo entre capital e trabalho e enfatizar o *caráter material do sentido*.

É preciso, portanto, compreender o discurso em seu complexo funcionamento dialético de *efeito* e *trabalho* na processualidade histórica, haja vista que é a partir da articulação do dizer com suas condições de produção (relações sociais de caráter material e historicamente determinadas) que as contradições do discurso reaparecem em seu real sócio-histórico.

Considerações finais: uma crítica à sociedade capitalista

¹⁴ Cf. o texto “O analista de discurso e a práxis sócio-histórica: um gesto de interpretação materialista e dialético” (SILVA SOBRINHO, 2014, p. 48). “Para nós, a prática analítica por si só não faz revolução; no entanto, ela possui força material cuja possibilidade de intervenção não pode ser negligenciada, pois não há transformação social sem a construção de críticas capazes de compreender as raízes dos efeitos de sentido que nos afetam e/ou constituem, que nos constroem e/ou desconstroem, ou mesmo, que nos mobilizam/desmobilizam [...]. Estamos comprometidos com a reprodução/transformação das relações de produção e não podemos nos esquivar disso”.



não há dominação sem resistência: primado prático da luta de classes, que significa que é preciso “ousar se revoltar”. (PÊCHEUX, 1997b, p. 304).

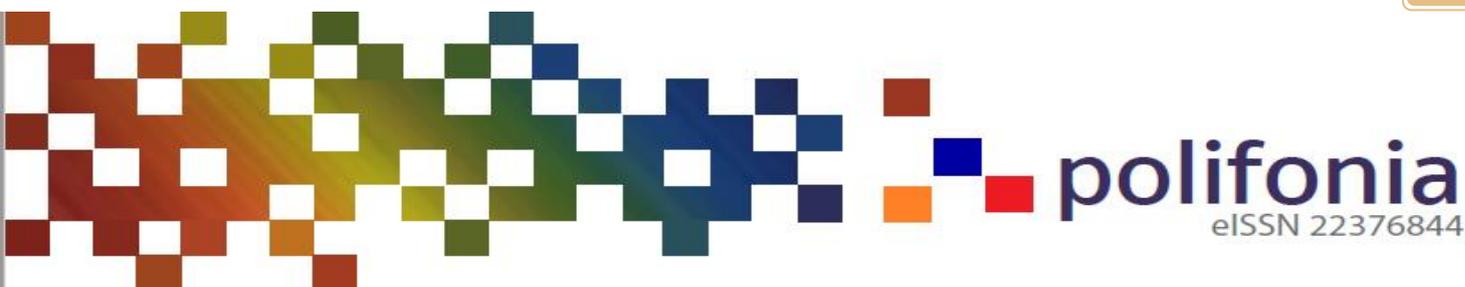
Em nosso percurso, consideramos a necessária ancoragem da Análise do Discurso no materialismo histórico e dialético, pois estamos sofrendo na ordem do dia a exploração da lógica do capital e o avanço do conservadorismo com suas práticas ameaçadoras, cínicas, violentas e perversas. Por isso, não podemos perder de vista os antagonismos de classes em nossas análises. A nosso ver, a Análise do Discurso só tem a ganhar em *produzir conhecimento sobre o discurso, articulando, em suas análises, a materialidade dos conflitos e lutas de classes para a compreensão de nossa própria existência histórica.*

Como o discurso é efeitos de sentidos entre interlocutores, seus efeitos fazem parte do movimento contraditório das relações sociais, incluindo aí os interesses e as lutas de classes, ou seja, o discurso é parte constitutiva da concretude histórica do fazer dos sujeitos em sociedade, daí o seu *caráter material*. Portanto, quando teorizamos sobre os discursos, não podemos esquecer suas condições sócio-históricas de produção, no caso, a sociedade capitalista e seus conflitos de classes, de onde retiramos, em sua maioria, as materialidades sobre as quais nos debruçamos.

Certamente, Pêcheux havia compreendido que o discurso é instrumento da prática política e, como esse professor-filósofo-cientista-militante estava tratando da sociedade capitalista, percebeu também que a raiz dos discursos estava nos conflitos de classes em suas práticas materiais e ideológicas. Assim, pois, quando buscamos o *caráter material do sentido*, estamos resgatando uma referência à História ancorada na perspectiva do materialismo histórico e dialético, o que caracteriza uma firme tentativa de evitar que a teoria materialista da produção de sentidos se esvazie da crítica radical direcionada à sociedade capitalista.

Referências

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.



HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

MALDIDIER, Denise *et al.* Discurso e Ideologia: Bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, Eni *et al.* (Org.). *Gestos de Leitura: 2ª ed.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux Hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma História da Análise do Discurso na França. In: ORLANDI, Eni *et al.* (Org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ORLANDI, Eni. *Interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1996.

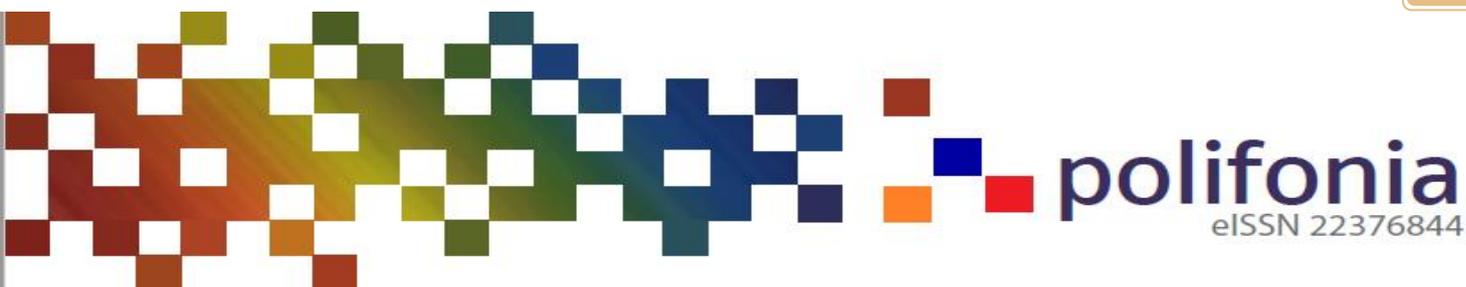
PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: *Cadernos de estudos linguísticos*. Nº 19. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

PÊCHEUX, Michel. Só a causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: *Semântica e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. As massas populares são um Objeto Inanimado? In: ORLANDI, Eni (Org.). *Análise de Discurso Michel Pêcheux*. Campinas-SP: Pontes, 2011.



ROBIN, Régine. *História e linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

SILVA SOBRINHO, Helson. O analista de discurso e a práxis sócio-histórica: um gesto de interpretação materialista e dialético. In: *Revista Conexão Letras*. v. 9, n. 12, 2014.

SILVA SOBRINHO, Helson. Michel Pêcheux e a crítica ao capitalismo: “é preciso ousar se revoltar”. In: GRIGOLETTO, E. & DE NARDI, F. *A Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas*. Campinas: Pontes, 2016.

SILVA SOBRINHO, Helson. Os *(des)arranjos das lutas entre posições idealistas e materialistas na Análise do Discurso*. In: BALDINI, Lauro & BARBOSA FILHO, Fábio. *Análise de discurso e materialismos: prática política e materialidades*. Vol. 2. Campinas-SP: Pontes, 2018a.

SILVA SOBRINHO, Helson. Pêcheux diante da lógica fregeana: apontamentos sobre a relação entre objetividade e subjetividade. In: *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Nº 42, 2018b.